

L P Baçan

**No Silêncio
das Paixões**





No Silênmcio das Paixões

L P Baçan

Copyright © 2013 L P Baçan

Reprodução e divulgação proibidas sem autorização.

Edição para divulgação exclusiva pelo site

<http://portugues.free-ebooks.net/>

2013

CAPÍTULO 1

O Terminal Tietê, em São Paulo, recebe ônibus que atendem os usuários do metrô e atende linhas suburbanas e viagens normais para outros pontos do estado e do país. Dali partem a todo momento dezenas de ônibus com os mais diferentes destinos, levando visitantes de volta para casa, desiludidos fugindo da cidade grande, esperançosos buscando lá fora o sonho que não conseguiram concretizar ali. Grupos ruidosos estão em constante despedida. Pessoas solitárias caminham com suas bagagens, levando, em seus rostos, estampado indelevelmente, o temor da partida ou a alegria da volta. Um perfeito sistema de som faz chegar ao mais acanhado dos passageiros as mensagens de partida, os horários e informações gerais.

Sentada em um banco na ampla área de espera, uma garota aguardava o anúncio de seu ônibus. Quando isso aconteceu, um frio percorreu seu estômago, arrepiando-a. Estava trêmula e insegura. Afinal, estava deixando o conforto da cidade que conhecia para ir ao encontro do desconhecido, numa cidade estranha no interior do Estado de São Paulo.

Já não havia mais como retornar. Caminhou lentamente, retardando os passos, até o portão indicado. Propositadamente evitara dormir cedo na noite anterior. Fora tarde para cama e acordara bem cedo para se sentir sonolenta o bastante para dormir tão logo o ônibus partisse. Não queria se despedir daquela cidade onde vivera a maior parte de sua vida. Levava consigo seu próprio travesseiro e assim que ocupou sua poltrona junto à janela, acomodou-se e procurou dormir, o que não foi difícil, pois estava muito cansada.

Lembrava-se vagamente da lentidão do trânsito, dos barulhos tão comuns da cidade, até que chegaram à rodovia, rumando para o interior. Então adormeceu profundamente, enquanto deixava São Paulo para trás. Acordou uma ou duas horas mais tarde. O ônibus rodava macio pela estrada. Sônia Liberato abriu os olhos preguiçosos para observar os campos a perder de vista, com canaviais e pastagens alternando-se e estendendo-se verdes e brilhantes ao sol pelas colinas que pontilhavam o horizonte.

Sentiu-se mais tranquila e voltou a adormecer. Quando acordou, algum tempo depois, as pessoas já comentava sobre a proximidade de Água Branca, a cidade que era seu destino. Sentiu-se excitada e nervosa, à medida que o ônibus avançava agora. Em Água Branca a esperava o seu primeiro emprego, sua primeira experiência da vida que, agora, era realmente sua, pois teria de cuidar de si mesma.

Deixara para trás a família, os amigos, a agitação da pauliceia e as festas e badalações para se atirar corajosamente àquele desafio. Abriu instintivamente a bolsa e apanhou a carta. Já a lera uma porção de vezes. Custara a acreditar quando a recebera. Fora uma das primeiras alunas da

turma. Uma comissão na escola cuidava em conseguir emprego para os primeiros colocados nos cursos. O difícil fora tomar a decisão. Sônia havia ponderado sobre tudo que havia vivido até então em São Paulo. De certa forma, ali sempre seria dependente dos pais e dos amigos. Jamais teria de encarar verdadeiramente um desafio. A decisão de ir, afinal, foi se formando devagarzinho, solidamente, até o momento em que não havia mais como retornar. Todos os prós e os contras haviam sido pesados. Sônia se sentiu mais madura após isso.

Finalmente, nada poderia ter sido mais perfeito para seus planos. Água Branca ficava no interior do estado, mas perfeitamente acessível por ônibus. Não estaria, afinal, tão longe de todos. Tomada a decisão, preparou-se para a viagem. Sua pressa foi tanta que se adiantara uma semana à data mencionada na carta. Queria esse tempo para se estabelecer e conhecer a cidade e seus habitantes. Não sabia como seriam suas acomodações, embora na carta informassem que ela teria habitação incluída no contrato. Mesmo assim, trazia consigo suas economias.

Imaginou ter de comprar alguns móveis, reformar o ambiente, dando-lhe um toque especial e único. A experiência de morar sozinha e cuidar de si mesma tornava-se extremamente excitante para ela. Sempre tivera vontade de viver aquela experiência. Vinha de uma família muito protetora, até certo ponto sufocante. Não que renegasse agora aquele cuidado excessivo que a família tivera para com ela. Fizeram aquilo de coração, realmente preocupados com ela. Agora, no entanto, era a vez de Sônia manter-se por seus próprios pés e romper definitivamente o seu cordão umbilical.

Não se sentia totalmente segura, mas estava decidida e isso importava para ela. Esfregou os olhos levemente inchados de sono, depois olhou o homem a seu lado. Ele ressonava tranquilamente. Os vastos bigodes brancos agitavam-se ao compasso da respiração. Sônia sorriu.

O ônibus sacolejou ao passar sobre uma ponte de madeira.

— Chegaremos após a próxima curva — disse o velhote ao lado dela, sem abrir os olhos.

Sônia se voltou para ele, olhando-o com surpresa. Ele continuava de olhos fechados, deixando-a curiosa.

— Como soube? — quis ela saber.

— A ponte! — riu ele, abrindo os olhos miúdos e joviais. — Espero não ter roncado, moça. Detestaria saber que atrapalhei o sono de uma garota tão bonita como você — acrescentou ele com um charme espontâneo e cativante.

— Absolutamente! Não ouvi um ruído. Verdade.

— Está bem, aceito sua palavra. Como é seu nome?

— Sônia Liberato.

— Pode me chamar de Vicente — apresentou-se ele, apertando a mão da garota. — Sou o padeiro da cidade de Água Branca. O melhor, é claro, pois sou o único — riu ele da própria brincadeira.

Sônia riu também, achando-o simpático e amigo.

— Pois eu sou a nova professora da cidade. Não sei se a única, mas pretendo ser a melhor.

A testa do velho franziu-se, demonstrando uma agradável surpresa. Ele encarou Sônia com admiração, examinando-a atentamente a ponto de deixá-la encabulada.

— Eu disse alguma coisa errada? — perguntou ela.

— Não, em absoluto. Eu que fiquei surpreso. Agradavelmente surpreso, confesso. É a primeira professora jovem que vejo. Devo reconhecer que os alunos de agora tem sorte, muita sorte mesmo. No meu tempo, apenas as velhas solteironas lecionavam e nenhuma tinha um décimo de sua beleza.

— Os tempos mudam — riu ela envaidecida com o elogio.

— Sim, e com ele muita coisa também muda para melhor — concordou ele.

— O que pode me adiantar sobre a cidade, Vicente? — quis saber ela, sem esconder sua expectativa.

— Por que não olha pela janela e descobre por si mesma? — retrucou ele, apontando para fora.

Sônia desviou os olhos para a direção apontada, olhando com atenção. Água Branca era mais que uma vila, mas não chegava a possuir ares de uma cidade de verdade. Suas casas se esparramavam sobre as colinas ao redor daquela que parecia ser a rua principal. A maioria era pintada em cores vivas, destacando-se da vegetação que preenchia os espaços viçosamente. Os telhados vermelhos, a fumaça nas chaminés, o sol poente produzindo um delicioso efeito de luz e sombras sobre a cidade, tudo a fez lembrar-se de uma cidade de brinquedo onde, a qualquer momento, um gnomo sairia correndo no meio da vegetação. Ficou simplesmente encantada com aquela atmosfera calma e acolhedora.

As pessoas nas varandas das casas observavam a chegada do ônibus. Homens nos alpendres das lojas pareciam estáticos no tempo.

— Já tem onde ficar, Sônia? — indagou Vicente.

— Bem, creio que sim. Preciso encontrar a Sra. Duarte. Foi quem me mandou a carta.

— É a diretora da escola. É uma pessoa sensacional, você vai adorá-la.

— Sabe onde ela mora?

— Entre a estação rodoviária e a padaria. É meu caminho. Eu a deixarei bem na porta da casa dela, se você me der o privilegio de caminhar com você.

— Vai ser uma honra para mim, Vicente — falou ela. — Ficarei muito grata por isso — acrescentou, sorrindo.

A excitação punha um rubor inesperado em suas faces. Um tremor interno abalava seu corpo jovem, provocando vazios e arrepios. Percebeu que não tinha mais volta. Sua decisão tornava-se concreta agora.

O ônibus diminuiu a marcha, à medida que avançava pelas ruazinhas calçadas e margeadas por árvores. O outono começava a desfolhá-las, formando um tapete pardacento. Sônia abriu a sua janela e pôs a cabeça para fora. A brisa fresca agitou seus cabelos louros e longos e lambeu seu rosto numa carícia gostosa e reconfortante. Seus olhos azuis brilhavam intensamente. Um grupo de crianças brincava em um parque infantil feito de troncos e madeira imitando gaiolas, pontes e casas. Pareciam saudáveis e alegres. Sônia imaginou que, possivelmente, muitas delas frequentariam a sala de aula onde lecionaria.

— Estamos chegando — avisou o velhote, levantando-se para apanhar sua bagagem. — Trouxe alguma mala? — acrescentou ele.

— Sim, duas delas. Estão lá embaixo, no bagageiro inferior.

— Vai precisar de ajuda, então. Tem os bilhetes? Eu as apanharei para você.

Sônia retirou-os de sua bolsa, passando-os a Vicente. Antes de fechar a bolsa, ela olhou aquela caixinha. O ônibus estacionou. Ela continuou olhando aquela caixinha, tentando imaginar por que a trouxera consigo. Talvez aquela sede de liberdade a fizessem pensar em todos os detalhes. De qualquer maneira, esperava muito de Água Branca, muito mais do que pudera ter em São Paulo naquele sentido. Olhou mais uma vez a caixinha, depois fechou a bolsa.

Quando desceu do ônibus, Vicente já havia apanhado as duas malas e esperava por ela.

— O que traz aqui dentro, chumbo? — indagou ele.

— Alguns livros e roupas, apenas isso — riu ela. — Eu o ajudo com uma delas.

Caminharam em seguida na direção apontada pelo velho. As pessoas nas varandas e alpendres olhavam-nos com curiosidade e comentavam. Sônia não percebia isso. Respirava fundo um ar puro com um leve aroma de flores e plantas, diferentes totalmente daquele ar que respirava em São Paulo.

O silêncio também lhe chamou a atenção. Poucos veículos circulavam pelas ruas. Apenas a algazarra das crianças no parque podia ser ouvida mais alto. Sônia concluiu que levaria algum tempo para se habituar àquilo, embora a ideia de ar puro e silêncio lhe fosse das mais agradáveis.

— De que vivem as pessoas na cidade, Vicente? — indagou ela, enquanto caminhavam.

— Há de tudo por aqui. Agricultura, pecuária, casas de comércio e algumas agroindústrias de médio porte. O restante vem do extrativismo. Água Branca é uma das maiores reservas florestais do país. A extração de plantas silvestres, palmito e madeira é regulamentada e controlada e não há por aqui nenhuma espécie ameaçada de extinção, muito embora isso não convença os preservacionistas, que têm dado um pouco de trabalho e dificultado a comercialização. Não chegam, porém, a prejudicar o comércio. Além disso, a grande empresa da cidade é um curtume que compra o couro de todo o gado abatido na região.

— Fabuloso! Eu li mesmo alguma coisa a respeito disso quando procurava informações sobre a cidade. Parece que conseguiram conciliar os interesses comerciais com a natureza, não?

— Sim, tentamos isso. É claro que existem alguns espertalhões, mas onde não há esse tipo de gente? No fundo, você vai gostar daqui. É uma cidade pacata e...

Não chegou a terminar. Dobrando uma esquina, um carro esporte reluzente avançou perigosamente para cima deles. Sônia ficou estática, incapaz de aceitar que deixara São Paulo para ser atropelada nas ruas pacatas de uma cidadezinha do interior. Habilmente, porém, o motorista dominou o carro, freando a tempo. O pára-choque do veículo apenas tocou de leve a mala que a jovem carregava.

— ...apenas com raras exceções você dirá o contrário — terminou Vicente, respirando fundo.

Sônia olhou o motorista que deixara o carro e a olhava com visível interesse. Era um homem extremamente atraente. Ao ver que a garota nada sofrera, a apreensão em seu rosto foi substituída por uma expressão de alívio. Ele sorriu. Não fosse o tremor em seus joelhos, ameaçando fazê-la cair, Sônia teria correspondido ao sorriso.

— Eu realmente sinto muito — disse ele. — Não esperava que isto acontecesse. Diga-me que nada lhe aconteceu — pediu ele.

— Sim, está tudo bem... Mas você quase nos atropelou...

— Eu sei, mas a rua não me parece um local seguro para se caminhar, ainda mais carregando uma mala que parece tão pesada — observou ele.

— Estávamos apenas cruzando a rua, Camilo — disse Vicente, sem esconder a irritação que o incidente ou a presença do outro lhe provocava.

Ricardo Camilo não ligou ao que o velho dissera. Seus olhos continuavam cravados na figura extremamente interessante da garota. Ostensivamente ele a examinou dos pés à cabeça, fazendo-a corar inesperadamente. Sônia jamais sentira sobre si um olhar tão devastador e revelador como aquele. Ousadamente, Ricardo parecia despi-la com os olhos e admirar cada contorno de seu corpo.

— Meu nome é Ricardo Camilo. O mínimo que eu posso fazer agora é oferecer minha ajuda para carregar as malas...

— Eu cuido disso para ela — adiantou-se Vicente, interrompendo-o.
— Vamos, Sônia!

— Sim, claro — gaguejou ela. — Obrigada pela oferta, assim mesmo!

— Pretende ficar muito tempo na cidade? — indagou ele, sempre observando-a.

— Talvez definitivamente. Sônia é a nova professora — informou Vicente, aborrecido.

— Fico feliz em saber disso. Estou certo que haverá outra oportunidade de nos vermos — sorriu Ricardo, voltando ao carro.

— Quem é ele, afinal? — indagou ela, sem conseguir esconder seu interesse por aquele homem intrigante.

— Ricardo Camilo, um dos homens mais ricos da cidade. Possui o curtume, onde prepara e comercializa couro. Praticamente todos os pecuaristas e frigoríficos da região vendem para ele, que ainda tem seu próprio rebanho. Explora também uma grande madeireira, a maior do estado todo.

— Deve ser mesmo muito rico.

— Sim, mas fique longe dele. Manter-se afastada de Ricardo Camilo é o mesmo que estar longe das encrencas. Ele é um tipo sem escrúpulos, esteja certa disso.

O velho falava com ressentimento sobre Ricardo Camilo. Sônia ouviu o aviso, mas não conseguiu tirar de sua mente aquela figura masculina marcante e sedutora.

Momentos mais tarde chegavam diante de uma casa, separada da rua por uma cerca branca e um jardim bem cuidado, onde floriam roseiras que perfumavam o ar agradavelmente.

Vicente abriu o portão e entrou, seguido por Sônia. Foram até a porta onde ele bateu palmas.

— Vai conhecer Madalena — disse ele, com um sorriso maroto nos lábios.

— Madalena Duarte?

— Não, apenas Madalena — corrigiu ele, no momento em que, vindo sorrateiramente pela sala, um enorme cão mostrou seu rosto enorme na porta.

Aquela era Madalena. A cadela ficou ali, farejando, olhando fixamente ora um ora outro. Passado o susto, Sônia animou-se a sorrir e ensaiar à distância um gesto de carinho. O animal continuava farejando.

— Ela não latiu. Isso é bom sinal — comentou Vicente.

— Bom sinal?

— Sim, é sinal que ela simpatizou com você. Chame-a pelo nome, vamos ver como ela reage.

Sônia fez o que o velho ordenara. O animal abanou a cauda, fazendo festa, depois sentou-se. Seu olhar brilhava fixo em Sônia. Uma senhora

caminhou pela sala até a porta, enquanto terminava de enxugar as mãos no avental. Encarou Vicente com curiosidade.

— Não me lembro de ter feito nenhuma encomenda, Vicente — comentou ela.

— Aposto como fez sim — brincou ele. — Está é Sônia Liberato, a nova professora.

A diretora mediu-a, não escondendo sua surpresa. Sabia que sua professora era jovem, mas Sônia parecia jovem demais para o trabalho.

— Tenho aqui a carta da comissão da escola e a que a senhora mandou. Talvez queira...

— Oh, não, por favor! Queiram entrar.

Sônia olhou com receio para o enorme cão imóvel na porta, olhando fixamente para ela.

— Eu fico por aqui. Só vim ajudá-la com as malas — avisou Vicente.

O velhote deixou-as no alpendre, despediu-se de Sônia e foi embora, após desejar-lhe sorte. As duas passaram por Madalena, então, que as seguiu mansamente até a cozinha. Sentou-se e continuou de olhar fixo nela.

— Você deve ser uma excelente pessoa, Sônia — observou a Sra. Duarte.

— Grata por isso, Sra. Duarte. Farei o possível para corresponder a isso...

— Você já passou no primeiro teste.

— Primeiro teste? Não entendi...

— Madalena! — falou a mulher, misteriosamente.

— O que tem ela?

— Simpatizou-se com você, o que é muito raro. Por que não se senta? Deve estar cansada e com fome. Estou preparando o jantar e seria um prazer tê-la comigo.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— De verdade?

— Sim, gosto de cozinhar de vez em quando e estou sempre à procura de novas receitas.

— Pois então, prepare-se que tenho uma porção delas para lhe ensinar — disse a Sra. Duarte, esquecendo-se já daquela impressão inicial e concluindo que haviam feito uma boa aquisição com a nova professora.

Sônia observou tudo ao seu redor, impecavelmente limpo e ao alcance da mão, procurando gravar muito bem. Iria precisar daquela experiência e praticidade quando estivesse sozinha em seu próprio canto.

— Sabe preparar uma salada mista?

— Sim, claro.

— Não quer cuidar dela, então? — pediu bondosamente a dona de casa, enquanto ia examinar uma panela que fumegava no fogo.

De alguma parte vinha o delicioso aroma de um assado. Sônia sentiu água na boca.

— Você veio mais cedo do que esperávamos...

— Achei que deveria vir antes para cuidar de tudo com antecedência, conhecer a cidade, as pessoas e os alunos...

— Bom, muito bom! Gosto disso. Revela um senso profissional que apreciamos nas pessoas aqui em Água Branca, Sônia.

— Obrigada, Sra. Duarte! É muito gentil. Pode me falar alguma coisa sobre as minhas acomodações?

— Pensávamos em instalá-la na própria escola, mas isso foi antes de conhecê-la, querida. Agora faço questão que fique morando aqui, se quiser, é claro.

Sônia torceu os lábios, tentando esconder sua contrariedade. Não era realmente o que sonhava para sua nova vida. Queria realmente um pouco de privacidade, coisa que não teria ali.

— Ou, se preferir, querida, poderá ocupar o apartamento sobre a escola. Vai precisar de alguns reparos e móveis novos, mas coisa fácil, eu lhe garanto.

— Talvez seja mais adequado o apartamento, Sra. Duarte. Vim preparada para isso.

— Como quiser — concordou a velha senhora, embora não a agradasse saber que Sônia ficaria sozinha.

Numa cidade como Água Branca isso não era muito comum.

— Está noite você dormirá aqui. Amanhã cedo iremos ver o estado do apartamento. Pedirei ao prefeito que faça os reparos que você julgar necessário. Se quiser, também a apresentarei ao Sr. Borges, o dono da única loja de móveis por aqui.

— Obrigada, Sra. Duarte — falou Sônia, terminando de preparar a salada.

— Ficou bom — observou a outra. — Mas você deve estar cansada. Acho que adoraria um bom banho agora. O que me diz? Venha, vou lhe mostrar seu quarto para esta noite...

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

